



Editorial

Marta Bonow Rodrigues¹

Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-3980-9988>

Roberta Ávila Pereira²

Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-5360-5148>

Alana das Neves Pedruzzi³

Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-3991-9933>

Nesta edição da revista apresentamos o **Dossiê Saber Sentir em Educação Ambiental: Epistemologias Ecológicas, Estudos Móveis e Sensoriais**, organizado pelos professores Dr. Gianpaolo Knoller Adomilli (FURG-Brasil), Dra. Valéria Ghislotti Iared (UFPR-Brasil), Dr. Gustavo Chiesa (FURG-Brasil) e Dr. Sergio Toro Arevalo (UACH-Chile). O dossiê reúne pesquisas e reflexões que abordam a Educação Ambiental a partir das “epistemologias ecológicas” (Steil; Carvalho, 2014), enfatizando abordagens sensoriais, relacionais e em movimento. Ao examinar o contexto e a produção de estudos no campo, o dossiê propõe discutir fundamentos teóricos e escolhas metodológicas que permitam tensionar perspectivas hegemônicas. O objetivo,

¹ Arqueóloga, Doutora em Educação Ambiental (FURG), Mestra em Antropologia - Área de Concentração em Arqueologia (UFPel) e Bacharela em Antropologia - Linha de Formação em Arqueologia pela mesma instituição. É pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Populações Costeiras e Saberes Contra-Hegemônicos (NECO) e do Grupo de Estudos em Filosofias Emergentes (GEFE), ambos da FURG. E-mail: martabonow@gmail.com

² Doutoranda em Educação Ambiental e Mestra em Educação Ambiental (FURG). Graduada em Pedagogia (FURG). É pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Artes (GEPHEA/UFNT) e do Grupo de Estudos em Filosofias Emergentes (GEFE/FURG). E-mail: robertapereira108@gmail.com

³ Doutora em Educação Ambiental. Docente permanente do PPGEA/FURG. Professora Adjunta do Instituto de Educação – IE da FURG. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino de Filosofia e Educação Filosófica - Regional Extremo Sul (NESEF-Extremo Sul) e pesquisadora do Grupo de Estudos em Filosofias Emergentes (GEFE). Editora-chefe da revista Ambiente & Educação da FURG. E-mail: alanadnp@gmail.com

portanto, é contribuir para a construção de uma Educação Ambiental que se afaste do antropocentrismo e acolha outras formas de existir e conhecer o mundo.

Já os artigos que compõem o fluxo da revista abordam perspectivas críticas, sensíveis e decoloniais da Educação Ambiental, destacando práticas que valorizam experiências corporais, afetivas, multissensoriais, buscando deslocar a lógica antropocentrista. Em comum, defendem epistemologias que desestabilizam paradigmas fundados na racionalidade moderna e propõem formas de aprender, sentir e coexistir que ampliam a noção de justiça socioambiental, cuidado e relação com os territórios.

Consideramos que a Educação Ambiental que emerge deste conjunto de trabalhos revela um campo comprometido com as necessidades de nosso tempo, profundamente atento às urgências planetárias, mas também sensível aos mundos, corpos e narrativas que têm sido sistematicamente silenciados pelos projetos da modernidade. Trata-se aqui de uma produção que não aceita facilmente os limites da ciência ocidental, da pedagogia funcionalista ou de abordagens que reduzem a crise ecológica a problemas de gestão e comportamento. Ao contrário disso, ela insiste em reencantar o político, o ético e o sensível, convocando epistemologias outras, experiências decoloniais, abordagens ecofeministas, práticas multissensoriais, imaginários literários e metodologias participativas como formas de abrir frestas no pensamento.

Você irá perceber nas suas leituras que o que atravessa essas pesquisas é a recusa à lógica antropocêntrica e às pedagogias que anestesiaram o conflito. Em seus diferentes enfoques, elas deslocam a centralidade do humano, reconhecem as inteligências e existências não humanas, aproximam-se das cosmologias que resistem há séculos às estruturas coloniais e apostam na tessitura entre espiritualidade, corpo, território e ancestralidade como modos legítimos de conhecer. A Educação Ambiental aparece, assim, não como um campo técnico, mas como um espaço de insurgência cognitiva, capaz de tensionar as políticas de vida e morte que estruturaram nossas formas de habitar o mundo.

Alguns textos evidenciam que aprender a ler a paisagem, perceber o silêncio, o ruído, o cheiro e o gesto pode ser tão formativo quanto analisar dados ou memorizar conteúdos. Outros mostram que o incômodo, a fricção e a opacidade são motores pedagógicos, pois desestabilizam certezas e convocam aprendizagens éticas baseadas na escuta, na vulnerabilidade e no reconhecimento das crises como experiências

compartilhadas. Há, ainda, aqueles que denunciam a captura ideológica da Educação Ambiental, convertida em estética inofensiva e moralizante, propondo alternativas que valorizam a infância, a experiência, o brincar, as motricidades e a abertura ao novo.

O conjunto revela, enfim, que a Educação Ambiental contemporânea se reinventa ao articular crítica e cuidado, radicalidade e sensibilidade, política e afeto. Em tempos de colapso climático, violência ambiental e desigualdades estruturais, esses trabalhos reafirmam que nenhuma transformação socioambiental será possível sem o cultivo de outros modos de sentir, narrar e coexistir. São pesquisas que não apenas analisam, mas também anunciam e prefiguram mundos – mundos onde a justiça, a amorosidade e o comum se tornam princípios inadiáveis de uma educação comprometida com a vida em todas as suas formas.

Inspiradas nessas reflexões, apresentamos, a seguir, os resumos dos textos que integram a edição nº 3, do volume 30 da *Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental*, com o intuito de contribuir com diferentes proposições sobre o campo ambiental.

Destacamos, ainda, o trabalho dedicado com a capa e a arte desta edição, sob responsabilidade de Letícia Nörnberg Maciel. A fotografia é do autor Washington Luiz dos Santos, de 2025.

DOSSIÊ SABER SENTIR EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: EPISTEMOLOGIAS ECOLÓGICAS, ESTUDOS MÓVEIS E SENSORIAIS

Abrimos esta seção com o artigo de apresentação do tema deste Dossiê "**Saber Sentir: proposições em torno de epistemologias ecológicas, estudos móveis e sensoriais na Educação Ambiental**", dos organizadores Dr. Gianpaolo Adomilli, Dr. Gustavo Ruiz Chiesa, Dra. Valéria Ghislotti Iared e Dr. Sergio Toro Arévalo. Os autores, com base em estudos que propõem uma Educação Ambiental menos antropocêntrica, destacam a importância de abordagens sensoriais, corporais e afetivas no aprendizado, para buscar superar dicotomias modernas e integrar saberes contra-hegemônicos. Segundo os autores, a experiência é central para o conhecimento, articulando dimensões sociais, materiais e corporais.

O estudo "**Reinventing Environmental Education: Beyond Anthropocentrism and the Sensory Connection with Nature**", de Lucas Lenin Resende Assis, propõe uma reflexão crítica sobre a educação ambiental convencional, frequentemente atrelada a interesses corporativos e uma visão antropocêntrica. O autor defende uma reinvenção da educação ambiental, adotando uma abordagem sistêmica que reconheça a interdependência entre os seres humanos e a biosfera. Ele enfatiza a importância das dimensões sensoriais e afetivas, que promovem experiências capazes de forjar vínculos duradouros com a natureza e fomentar atitudes de conservação. Além disso, o trabalho ressalta a valorização dos saberes tradicionais e locais, bem como o fortalecimento da justiça ambiental. A integração de abordagens holísticas visa não só o bem-estar emocional, mas também estimular o engajamento e a transformação da relação sociedade-natureza. Assis argumenta que, apesar dos desafios institucionais, investir em uma educação ambiental menos antropocêntrica é crucial para cidadãos mais conscientes e comprometidos com a sustentabilidade planetária.

Andréa Inês Goldschmidt, Bianca Pecke Rodrigues e Larissa Bazalha Izidorio investigaram os efeitos de uma trilha lúdico-sensorial mediada pelo Bem-te-vi em crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em seu trabalho "**Na Trilha do Bem-te-vi: Saberes Sensoriais e Ecologias do Sentir em uma Experiência de Educação Ambiental**". A metodologia qualitativa nesta pesquisa envolveu sete estações sensoriais, promovendo experiências multissensoriais e afetivas. Os resultados indicam que a exploração sensorial e a ludicidade favoreceram a aprendizagem integrada, a ampliação da alfabetização ecológica e o fortalecimento do vínculo emocional com a natureza. As autoras concluíram que abordagens que valorizam o corpo, os sentidos e a imaginação são ferramentas eficazes para a educação ambiental e para promover atitudes sustentáveis na infância.

"**Cocriando um mundo de misturas: narrativas sensoriais em uma paisagem mais-que-humana**", de Raquel Moraes de Brum e Gustavo Ruiz Chiesa, convida a um exercício de novas formas de expressão, percepção e habitar o mundo. O texto fortalece uma educação da atenção, estimulando modos mais sensíveis de coexistência com todos os seres. A narrativa central é a imersão biográfica em uma prática artesanal de perfumaria afetiva, não utilitária e ecologicamente orientada. Essa jornada é construída a partir de uma mistura criativa de cheiros, sonhos, afetos, seres, coisas, paisagens, memórias e acontecimentos. Os autores buscam desconfigurar

paisagens hegemônicas e dicotômicas, valorizando o falar em aberto e a experimentação sensorial. Através da Amorosa Perfumaria, o estudo propõe uma resistência à aceleração social, engajando o corpo e os sentidos para uma conexão mais profunda com o mundo e defende uma sinestesia que reencanta a vida, percebendo-a como um fluxo contínuo de experiências e afetos.

O artigo "**Corpo, Território e Afeto: Epistemologias Encarnadas na Educação Agroecológica como Experiência Formativa**", de Juliano Batista Romualdo e Lucas Lenin Resende de Assis, explora a educação agroecológica para crianças em áreas rurais e periurbanas. Os autores defendem uma abordagem fenomenológica e sensível da aprendizagem, baseada em epistemologias ecológicas. O estudo enfatiza que o corpo, os sentidos e a interação com o "mundo mais-que-humano" são fundamentais para a construção do conhecimento. Contrariando a racionalidade instrumental da educação rural, o texto propõe o conceito de "sentipensar" como pilar de uma pedagogia agroecológica do território. Essa educação sensível, segundo os autores, é uma prática contra-hegemônica, enraizada na corporeidade, nos afetos e na escuta, capaz de gerar transformações significativas nas práticas pedagógicas e nas políticas públicas do campo.

Em "**Arte e Educação Ambiental Quadridimensional: o sentir como dimensão do aprender**", Alisson José Oliveira Duarte, Flaviane dos Santos Malaquias e Thiago Henrique Barnabé Corrêa propõem a arte como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento de uma consciência ecológica sensível e crítica. De acordo com os autores, a arte, ao estimular a imaginação e o sentir, humaniza a educação ambiental, superando abordagens fragmentadas. A metodologia combina a proposta triangular de Barbosa (2002b) com a Educação Ambiental Quadridimensional de Duarte (2024), que inclui dimensões Corporal/Pessoal, Social, Socioambiental e Ecoespiritual. Os resultados indicam que a arte é capaz de despertar vínculos afetivos com a natureza, ampliando a sensibilização ecológica.

O artigo "**Educação ambiental encantada: afeto, cognição e o sagrado em nossa relação com a natureza**", de Luciana Pinheiro, Avanilde Kemczinski e Luiz Clement, discute o paradoxo da Educação Ambiental (EA) frente ao "desencantamento do mundo" da racionalidade moderna. Ele propõe o encantamento como categoria ontológica, epistemológica e pedagógica para superar dicotomias e promover uma EA mais sensorial, integral e ética. Através do "modelo caleidoscópio", que valoriza a

escuta e o conhecimento simbólico, busca-se a reabilitação do afeto e do sagrado. Assim, a educação ambiental encantada permite uma reaproximação com a natureza, reconhecendo o aluno como corpo-mente-afeto-espírito e o mundo como uma teia interdependente.

Mariana Guenther defende que a Educação Ambiental necessita ir além da oralidade e escrita, focando na sensibilização através das emoções e da ampliação sensorial em seu artigo "**Ciência, Arte e Educação: por um aprendizado ambiental mais sensorial e afetivo**". A autora explora como a linguagem artística, especialmente as artes plásticas, pode promover um aprendizado ambiental mais profundo e afetivo. O trabalho descreve uma experiência com estudantes de Biologia que criaram obras de arte para abordar questões como microplásticos e desmatamento. Essa vivência mostrou o potencial da arte para desafiar o antropocentrismo, fomentando uma convivência mais harmoniosa e transformadora entre humanos e não-humanos. A conclusão ressalta a importância de integrar mente e corpo para construir um conhecimento ambiental inclusivo.

O artigo "**Educação Ambiental Pós-Crítica: superando dualismos e fragmentações no ensino**", de Ronualdo Marques, propõe uma reflexão crítica sobre a emergência da Educação Ambiental (EA) pós-crítica como um paradigma teórico-metodológico alternativo às abordagens tradicionais. O autor busca compreender como essa perspectiva rompe com dualismos fundantes da modernidade, como natureza/cultura, ao propor uma ontologia relacional, sensível e politicamente engajada. A abordagem valoriza a corporeidade, estética, afetividade e experiências vividas no território como dimensões essenciais para a formação crítica dos sujeitos, ressignificando o currículo escolar. O autor aponta que diante das policrises contemporâneas, a EA pós-crítica é essencial para a construção de novos imaginários educativos orientados pela justiça socioambiental, cuidado e interdependência, exigindo também uma reorientação na formação de professores.

"Epistemologias Sensíveis na Educação Ambiental: Diagnóstico Participativo da Água como Experiência Corpórea e Territorial", de Douglas Vidal e Geovanna Fernandes, descreve uma experiência de Educação Ambiental sensível e territorial em Montanha-ES. O estudo envolveu estudantes e a comunidade local na investigação participativa da qualidade da água, integrando vivências corporais e sensoriais. A abordagem considera o diagnóstico não apenas uma técnica, mas uma

prática formativa e "sentipensante". A pesquisa buscou transcender a mensuração físico-química, valorizando a escuta do ambiente com o corpo e promovendo o surgimento de saberes relacionais, afetivos e ecológicos. Inspirado por epistemologias ecológicas e pela fenomenologia, o trabalho defende a importância do movimento, da materialidade e da sensorialidade na formação ambiental crítica. O objetivo foi ativar formas sensíveis e participativas de EA, contribuindo para a formação de sujeitos ecológicos e práticas pedagógicas contra-hegemônicas.

Em "**A Ecofenomenologia da Intercorporalidade na Pedagogia Waldorf sob a perspectiva da Educação Ambiental Pós-Crítica: um diálogo com a vida multiespécies**" Helen Abdom Gomes e Valéria Ghislotti Iared exploram as potencialidades da Pedagogia Waldorf sob uma perspectiva multiespécies. Baseado nas fenomenologias de Merleau-Ponty, Goethe e Steiner, o trabalho discute a intencionalidade intercorporal e a percepção estética para fundamentar práticas pedagógicas sensíveis à relação com o mundo mais-que-humano. O estudo enfatiza a importância das experiências sensoriais e afetivas na educação infantil, destacando dimensões éticas, estéticas e políticas voltadas ao meio ambiente. Ao incorporar agências não-humanas e relações multiespécies, a Pedagogia Waldorf é apresentada como um campo fértil para uma Educação Ambiental mais sensível, responsável e transformadora.

O artigo "**Quando o mundo se escuta pelo corpo: percursos de uma ecologia do sensível na universidade**", de Lui Henrique Ortelhado Valverde e Suzete Rosana de Castro Wiziack, apresenta uma experiência pedagógica em uma disciplina universitária inspirada na Ecologia Profunda. A proposta desafia o modelo cartesiano ao integrar corpo, sensibilidade, espiritualidade e pensamento crítico, dialogando com autores como Arne Naess, Joanna Macy e Ailton Krenak. As práticas incluíram banho de floresta, escutas sensíveis, exercícios de sensopercepção e a criação de mapas ecosóficos. As narrativas dos estudantes revelaram deslocamentos éticos e perceptivos, expressando pertencimento e responsabilidade ecológica. Os resultados indicam que essas abordagens fortalecem uma educação ambiental que forma sujeitos íntegros e comprometidos com a vida.

Kelber Abrão e Caio Vinícius Freitas de Alcântara discutem a necessidade da Educação Ambiental (EA) ir além do modelo racionalista em seu artigo "**Do saber pensar ao saber sentir: experiências formativas em Educação Ambiental e lazer no**

escopo do CEPELS". Os autores propõem integrar o "saber sentir", que engloba dimensões afetivas, estéticas e éticas, à EA crítica. O Lazer é destacado como um espaço formativo essencial, capaz de promover a sensibilidade, corporeidade e reflexão ecológica através de práticas como caminhadas e oficinas sensoriais. O estudo, baseado em experiências do CEPELS/UFT, entende que a incorporação do Lazer na formação docente é uma estratégia potente para cultivar afetos e responsabilidades socioambientais, contribuindo para uma cultura pedagógica mais crítica e sensível.

"A experiência estética do habitar ou quando as coisas do mundo nos olham de volta", de Ana Carolina Tavares Sousa e Luciana Netto Dolci, propõe uma reflexão sobre a experiência estética e a percepção ambiental. O texto explora uma abordagem poético-pedagógica, influenciada por epistemologias ecológicas, que une Arte-Educação e Educação Estético-Ambiental. Descreve uma prática com estudantes, inspirada no Surrealismo e em Pablo Neruda, para estimular a criação e a observação do ambiente. As autoras demonstram como experiências estéticas transformam a relação com o mundo, ilustrado pela descoberta de "olhos" em uma árvore por uma aluna. Este processo revela que o ambiente também "nos olha de volta", enriquecendo a percepção e o habitar.

O artigo **"Governança ambiental e apagamentos sensoriais: crítica à racionalidade tecnocrática e à negação do saber-sentir nos territórios"**, de Kelly Maria Gomes Menezes, Maria de Nazaré Moraes Soares e Maria Inês Escobar da Costa, analisa criticamente a literatura acadêmica sobre governança ambiental. As autoras identificam a predominância de abordagens tecnocráticas e funcionalistas que invisibilizam dimensões sensoriais, afetivas e territoriais da experiência humana, bem como saberes locais e epistemologias críticas. A pesquisa que utilizou uma revisão integrativa de 56 artigos publicados entre 2004 e 2023 na plataforma Redalyc, busca uma reinterpretação da governança como campo de disputa ontológica e afetiva, e defende uma Educação Ambiental ampliada que deve valorizar a corporeidade e o enraizamento nos territórios para abranger as dimensões sensíveis e relacionais da existência. O estudo argumenta que os "apagamentos epistêmico-sensoriais" desqualificam o saber-sentir, exigindo uma pedagogia ambiental crítica.

"E se formos de bicicleta?" Etnografia em movimento nos estudos de ecomotricidade", de Ruana Michela Santos Cardoso, Cae Rodrigues e José Devís-Devís, traz os fundamentos teóricos e metodológicos da etnografia em

movimento focada no ciclismo. Ancorado na fenomenologia e na ecomotricidade, o estudo explora as dimensões lúdicas do movimento-com-a-Natureza como catalisadoras da práxis ecológica. A pesquisa, conduzida em Valência, Espanha, utilizou entrevistas em movimento, diários de campo e a bicicleta como ferramenta epistemológica e revela as dimensões corporificadas, afetivas e simbólicas das experiências dos ciclistas e as inter-relações entre seres humanos e não-humanos. Essa abordagem amplia as perspectivas da ecomotricidade e contribui para o fortalecimento das práticas em educação ambiental, enfatizando a experiência vivida.

Elielson Bernardino, Paulo Rogério Melo de Oliveira e José Matarezi, em seu artigo "**O Cuidado de Si na “Vida Secreta dos Objetos”: uma perspectiva transdisciplinar em Educação Ambiental**", revisitam a abordagem transdisciplinar Trilha da Vida (TdV) e a instalação Vida Secreta dos Objetos (ViSO). O estudo aproxima a ViSO da noção foucaultiana de cuidado de si, em diálogo com epistemologias ecológicas, utilizando objetos cotidianos como gatilhos para evocar memórias e afetos, estimulando a subjetividade crítica. A metodologia qualitativa com mestrandos em educação revelou que a experiência ViSO promove autoconhecimento e responsabilização socioambiental. Os autores indicam que a articulação do cuidado de si com narrativas autobiográficas e práticas estéticas pode potenciar valores éticos e pedagogias emancipatórias na Educação Ambiental.

O artigo "**Caminhar como uma prática de conhecimento sensível: a relevância ecológica do flâneur e a deriva na Educação Ambiental**" propõe uma metodologia de Educação Ambiental baseada em epistemologias ecológicas. A autora, Maria Luz Ruiz Bañon, articula, neste estudo, a caminhada pedagógica, o registro sensorial e o mapeamento afetivo para reapropriar o território. A autora recupera as figuras do flâneur e da deriva para explorar o corpo em movimento como uma forma de "sentir-pensar" o ambiente mais-que-humano. Essas práticas promovem uma percepção incorporada e relacional, fomentando uma ética de atenção e reciprocidade com os seres vivos. A pesquisa, que inclui uma experiência na Huerta de Murcia, busca gerar conhecimento contra-hegemônico que desestabiliza o antropocentrismo, contribuindo para uma educação ambiental crítica e transformadora.

"O jardim que acolhe corpos e memórias: educação ambiental multissensorial", de Christel Ribes e Geovane de Souza Almeida, discute uma experiência de educação ambiental sensível e inclusiva. O artigo foca na criação de um

Jardim Sensorial em Natal/RN, em que se explora o corpo e os sentidos como vias legítimas de conhecimento. Baseado em epistemologias ecológicas e fenomenologia, o estudo valoriza a diversidade na percepção e aprendizado, especialmente para pessoas com deficiência e, assim, propõe um avanço para uma educação ambiental mais-que-humana, que prioriza a sensorialidade e a reconexão afetiva com a natureza. A pesquisa sublinha a capacidade do jardim em estimular memórias e afetos, promovendo inclusão e um aprendizado profundo e transformador.

No artigo "**Escutar as miudezas, fazer da poesia um método: educações ambientais e formação docente**" Laís de Paula Pereira e Shaula Maíra Vicentini de Sampaio propõem uma abordagem inovadora para a educação ambiental e formação de professores. As autoras buscam experimentar ressonâncias poéticas na educação, inspiradas pela "ciência menor" e pela poesia de Manoel de Barros, para tensionar o antropocentrismo e a cisão moderna entre natureza e cultura. O texto cartografa oficinas inventivas que convocaram memórias de infância, fabulações não-humanas e escritas sensíveis. O objetivo é criar pedagogias que se desenvolvam "com o mundo", e não "sobre ele", valorizando as relações multiespécies e cosmologias não-ocidentais. A pesquisa estimula a experimentação, o afeto e a imaginação, buscando contracolonizar o pensamento ecológico.

"**A cabeça pensa onde os pés pisam: a arte-educação socioambiental na formação docente**", de Chrizian Karoline Oliveira, Yanina Micaela Sammarco e Vanderlei Silveira, discute a integração da arte, lugar-território e Educação Socioambiental na formação docente. Sob uma perspectiva anticolonial e decolonial, o estudo utilizou a Abordagem Triangular em duas propostas formativas com cerca de 150 licenciandos da UFPR. As práticas interdisciplinares com arte socioambiental valorizaram saberes locais, diversidade cultural e pertencimento ao território e os resultados indicam que a escola, compreendida como lugar-território, pode se tornar um espaço de resistência e transformação.

O artigo "**Kawata Mirawê": Uma ecologia de práticas de cuidados entre as mulheres, a raiz, o cipó e os saberes Pataxó**", de Jaqueline Rocha Oliveira e Isabel Cristina de Moura Carvalho, apresenta uma pesquisa etnográfica. O estudo, parte de um doutorado em Educação, foca nos processos de aprendizagem, cura e espiritualidade em Círculos Sagrados Femininos, envolvendo mulheres e seres "outros-que-humanos", como o cipó Jagube. Realizada no Vale do Rio Doce, a análise aborda a ecologia de

práticas de cuidado, mesclando cosmologias femininas e indígenas. A materialidade do bastão da fala, Kawata Mirawê, e de uma raiz consagrada, revela o poder pedagógico e espiritual desses encontros. O texto destaca a reativação de saberes ancestrais femininos e a importância das "conexões parciais" para um cuidado que abrange o eu, o outro e a Terra.

ARTIGOS

Claudio Gustavo Borges de Aguiar e Patricia Ortiz Monteiro apresentam a pesquisa intitulada: “**A Floresta Nacional de Carajás no Pará e os Jovens da Região: Como se dá essa relação?**”. Esse estudo analisou as representações sociais de alunos do 9º ano sobre a Floresta Nacional de Carajás, envolvendo 30 estudantes de escolas públicas de Parauapebas (PA). Com abordagem qualitativa e com base na Teoria das Representações Sociais, a pesquisa utilizou questionário e entrevistas analisadas por triangulação. Os resultados mostram uma grande diversidade de percepções e certa desconexão dos alunos com a natureza local. Também apontam desconhecimento sobre a FLONA, embora apareçam representações positivas e preocupações ambientais.

Em “**Interpretação ambiental e instrumentalização da Trilha do Rio Grande no Parque Estadual da Pedra Branca, Rio de Janeiro, Brasil**”, de autoria de Pedro Lucas Vieira da Silva e Cristiane Pimentel Victório (UERJ), se buscou interpretar e instrumentalizar a Trilha do Rio Grande, no Parque Estadual da Pedra Branca (RJ), selecionando pontos-chave com relevância científica e histórico-cultural. Foram elaboradas placas informativas com ilustrações, textos curtos e QR Codes que direcionavam a conteúdos digitais confiáveis. Os pontos abordados incluíram o Rio Grande, espécies nativas da Mata Atlântica e construções históricas como um aqueduto do início do século XX. A trilha autoguiada permitiu ao visitante aprender de forma multidisciplinar, contemplar a natureza e fortalecer a consciência ambiental.

O artigo “**Práticas corporais de aventura e possibilidades pedagógicas de Educação Ambiental crítica na formação inicial em Educação Física**” investigou como práticas corporais de aventura podem contribuir para uma Educação Ambiental crítica na formação de professores(as) de Educação Física da Universidade Regional do Cariri. A pesquisadora Luciana Nunes de Sousa e o pesquisador Daniel Teixeira Maldonado utilizaram a abordagem qualitativa, que envolveu observação de aulas,

entrevista com o docente e grupo focal com 11 licenciandos(as). A análise temática orientou a organização do material empírico. Entre as categorias produzidas, o estudo aprofunda a relação entre práticas de aventura e a formação crítica em Educação Ambiental.

As autoras Cristiane Ramon Sampaio e Fernanda Ribeiro de Freitas apresentam a pesquisa “**Investigação de concepções associadas à educação ambiental marinha e costeira no ensino básico**”. O texto discute a relação entre seres humanos e o ambiente marinho, destacando a importância da “saúde dos oceanos” para as condições ambientais globais. Defende-se um processo educacional rizomático que forme protagonistas sociais capazes de enfrentar problemas atuais. A escola é apontada como espaço central para ressignificar conhecimentos e planejar ações de educação ambiental. O artigo avaliou concepções de alunos do Ensino Fundamental II sobre o ambiente marinho e costeiro. As pesquisadoras apontam que os resultados do questionário foram alarmantes, especialmente por se tratar de estudantes de região litorânea.

Já o artigo “**Cidades brasileiras com ações em Educação Ambiental e suas relações com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS**”, de Juliana de Lara Castagnoli, Silvio Roberto Stefani e Mariulce da Silva Lima Leineker, analisou ações de Educação Ambiental desenvolvidas em cidades brasileiras e sua relação com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, por meio de revisão integrativa. Foram identificados 30 artigos com metodologias variadas, majoritariamente voltadas à conscientização e preservação ambiental. As cidades apresentaram níveis de desenvolvimento sustentável entre médio, baixo e muito baixo. O trabalho conclui que a melhoria desses índices exige ações de EA mais abrangentes e articuladas com toda a sociedade, alinhadas aos ODS.

O nível de conhecimento de estudantes de Agronomia sobre bioinsumos em uma instituição de Jussara (GO) é o objetivo de investigação do estudo “**Conhecimento sobre bioinsumos entre estudantes de agronomia: um estudo focado na região de Jussara – GO**”. Amanda Oliveira Souza, Marconi Batista Teixeira e Wilker Alves Morais realizaram a pesquisa por meio de questionários, em que foram identificadas percepções, dificuldades e possibilidades de uso desses insumos sustentáveis. O artigo aponta que embora os estudantes reconheçam sua importância, ainda há lacunas práticas e resistência cultural à adoção. O texto conclui que a capacitação técnica, extensão rural e políticas públicas são essenciais para consolidar o uso de bioinsumos na agricultura.

“Centro de Reciclagem da Escola de Engenharia Mackenzie: um programa de extensão universitária voltado para a sustentabilidade” é o texto apresentado pelos autores Renato Meneghetti Peres e Juliano Martins Barbosa e Gisele Szilágyi. O artigo discute a importância de formar profissionais conscientes e comprometidos com o desenvolvimento sustentável, destacando o papel da extensão universitária. Na Escola de Engenharia Mackenzie, foi criado o programa de Extensão Centro de Reciclagem para promover educação ambiental sobre o uso racional do plástico. O programa oferece cursos, palestras e oficinas práticas que apresentam toda a cadeia de reciclagem. As atividades permitem que estudantes de diferentes níveis conheçam processos e possibilidades pós-consumo, favorecendo metodologias ativas e o protagonismo estudantil.

No artigo **“As Dimensões do Conhecimento na Educação Ambiental: Caminhos para a Formação do Sujeito Ecológico”**, Thiago José Bezerra de Lima e Anália Keila Rodrigues Ribeiro analisam como as dimensões conceitual, atitudinal e processual contribuem para a formação do sujeito ecológico. A dimensão conceitual envolve a compreensão dos temas ambientais; a atitudinal refere-se a valores e posturas pró-ambientais; e a processual corresponde às práticas sustentáveis no cotidiano. Os autores articulam essas dimensões aos quatro pilares da educação de Delors — conhecer, fazer, viver juntos e ser. O estudo sustenta que a formação ecológica depende de uma educação integral e transformadora orientada à ecocidadania.

Em **“Educação ambiental: Percepção e sensibilização dos alunos de uma escola pública do município de Quixadá, Ceará, Brasil”**, Ana Joyce Oliveira Silva, Mário Jeová dos Santos e Kaira Emanuella Sales da Silva Leite analisam como a educação ambiental vem sendo trabalhada no ensino médio de uma escola pública de Quixadá. A pesquisa envolveu um questionário semiestruturado e uma roda de conversa para avaliar a capacidade crítico-reflexiva dos estudantes. Os resultados mostram que a escola realiza ações de EA, porém de forma pouco frequente. Mesmo assim, os discentes foram capazes de propor causas e soluções viáveis para problemas ambientais apresentados. O estudo conclui que é necessário ampliar a frequência e diversidade das práticas de EA na instituição.

Já a pesquisa **“Educação Ambiental Climática: juventude, participação e o combate à desinformação nas emergências climáticas”**, de Carla Cravo e Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos, discute o protagonismo juvenil diante da crise

climática e o papel da educação ambiental no enfrentamento da desinformação. As autoras analisam a juventude em sua diversidade sociocultural e histórica, destacando sua presença em mobilizações como o Fridays for Future. Amparado em estudos nacionais e internacionais, o texto evidencia tanto o potencial transformador dos jovens quanto sua sub-representação nas políticas climáticas. O artigo aponta ainda caminhos educacionais para ampliar engajamento, participação política e fortalecimento da resiliência climática nas escolas.

Bárbara Denise Ferreira Gonçalves, Sérgio Murilo Santos de Araújo e Genival Barros Júnior analisam como a Educação Ambiental fortalece a construção de saberes agroecológicos em comunidades rurais no artigo intitulado "**Educação Ambiental como ação potencializadora da produção do conhecimento agroecológico em Sistemas Agroflorestais Familiares**". A pesquisa, desenvolvida no Sertão do Pajeú por meio de Trabalho de Campo e Pesquisa Participante, utilizou a modelagem conceitual como abordagem orientadora. Os autores mostram que, em regiões marcadas por práticas agrícolas historicamente degradantes, a Educação Ambiental promove mudanças significativas na percepção dos agricultores sobre técnicas sustentáveis. O estudo evidencia transformações na qualidade ambiental, na qualidade de vida e na autonomia dos agricultores agrofloresteiros.

No texto "**Meu repertório de pequenas alegrias: o diálogo entre afetividade e lazer no Parque Olhos D'água (DF)**", a pesquisadora Vanessa Sousa de Oliveira busca compreender como os frequentadores do Parque Olhos D'água vivenciam afetivamente esse lugar e de que modo essa relação se articula ao lazer cotidiano. A autora utiliza o estudo de caso com observação direta, mapas afetivos e entrevistas móveis, articulados à pesquisa bibliográfica e documental. Os achados revelam que, individualmente, o parque é vivido como espaço de prazer, bem-estar e forte estima de lugar. Coletivamente, porém, os usuários não se engajam em ações que considerem o parque dentro de uma compreensão sistêmica socioambiental. Assim, a afetividade aparece como força que intensifica o vínculo, mas não necessariamente como motor de ação coletiva.

Inspirado pelo documentário *Estamira*, o artigo "**Pedagogia da palavrão ambiental para currículos ‘à beira do mundo’**", de Evanilson Gurgel e Marlécio Maknamara, discute os fundamentos da chamada pedagogia da palavrão ambiental. Em vez de descrever apenas conceitos, os autores destacam uma pedagogia que se

constrói pela potência da palavra viva, capaz de produzir outras imagens de mundo em meio às crises ambientais. O texto defende que essa perspectiva inaugura modos mais generosos de existir e resistir, rompendo com narrativas apocalípticas da emergência climática. A pedagogia proposta provoca desterritorializações curriculares, buscando libertar a vida de imagens de destruição por meio de uma poética que escuta os ruídos do mundo.

Em "**Ecosistema Prado: una acción inclusiva de arte y educación para el desarrollo sostenible en el Museo del Prado**", Santiago González D'Ambrosio e Tania Ugena Candel apresentam o projeto Ecosistema Prado, criado no âmbito do programa Prado Inclusivo. Os autores situam o museu e o setor cultural como agentes convocados a responder à crise climática, alinhando-se aos ODS da Agenda 2030. Com base na Investigação Baseada nas Artes e na Teoria Ecofeminista, o projeto propõe práticas educativas que utilizam obras do acervo em diálogo com criações contemporâneas para fomentar reflexão e mudança socioambiental. Ao atualizar narrativas e promover leituras conservacionistas, o Ecosistema Prado demonstra como a arte pode atuar como mediadora de práticas sustentáveis e de processos de sensibilização crítica.

No artigo "**Educação Estético-Ambiental à luz do Paradigma da Complexidade: percepções e significados dos estudantes sobre o jardim da escola**", Dayane Barbosa de Oliveira, Adelmo Fernandes de Araújo e Iara Terra de Oliveira investigam como estudantes interpretam e significam o jardim escolar a partir de uma vivência orientada pela Educação Estético-Ambiental. Com abordagem qualitativa e exploratória, o estudo utiliza relatos de alunos do ensino médio integral e analisa os dados por meio da análise textual discursiva. Os resultados revelam percepções fragmentadas, reflexo da tradição escolar marcada pela compartmentalização dos saberes. Ainda assim, o jardim emerge como espaço potente para integrar sujeito e ambiente, favorecendo experiências educativas mais complexas e sensíveis.

"Decolonialidade e Educação Ambiental no Enpec: Análise de uma Década (2011–2021)", de Daniela Carolina Ernst, Diego dos Santos Reis e Maria Cristina de Caminha Castilho França, examina como perspectivas decoloniais têm (ou não) atravessado a área de "Educação Ambiental e Ensino de Ciências" no ENPEC entre 2011 e 2021. A partir da compreensão da colonialidade como estrutura ainda operante na produção de saberes, o estudo toma a decolonialidade como horizonte político-epistêmico que desafia a centralidade da ciência ocidental e afirma cosmologias

ancestrais, comunitárias e contra-hegemônicas. Inspirado em autoras(es) como Bispo dos Santos, Walsh e Ferdinand, o mapeamento identificou apenas oito trabalhos com essa abordagem no período analisado, revelando a baixa presença do tema e o silenciamento de epistemologias insurgentes. O artigo defende a necessidade de ampliar o debate para fortalecer práticas educativas comprometidas com justiça cognitiva e reencantamento do mundo.

Diego Marques da Silva, no texto "**Potencial educacional e interpretativo de trilhas ecológicas em Mato Grosso do Sul**", investiga como diferentes trilhas do estado — urbanas em Dourados, trilhas do Pantanal e da Serra da Bodoquena — oferecem oportunidades distintas para a interpretação e a educação ambiental. A partir do registro e análise desses percursos, o autor evidencia que cada ambiente possui potencialidades próprias, ainda que aborde temas semelhantes. O estudo mostra que todas as trilhas analisadas contribuem para sensibilizar visitantes e apoiar ações de conservação, sobretudo quando articuladas a políticas públicas. As particularidades de cada lugar, quando integradas ao planejamento interpretativo, enriquecem a experiência educativa em trilhas ecológicas.

Já o artigo "**As crianças da ilha e os devaneios da terra: aproximações entre o bem-sentir e o bem-fazer**" apresenta uma metodologia construída nas aulas de arte de uma escola próxima à Ilha das Caieiras, marcada pelo manguezal e pela cultura marisqueira. Sarah Rodrigues Damiani e Stela Maris Sanmartin apresentam uma pesquisa que parte de percepções sensíveis entre corpos, espaços e territórios que atravessam o cotidiano escolar. As autoras aproximam o *Tekoá-porã*, filosofia guarani do bem viver, dos ensaios de Bachelard sobre a imaginação da matéria para orientar processos criativos. O estudo evidencia como o corpo, a experiência e a dimensão simbólica sustentam práticas educativas mais sensíveis. Ao final, sugerem que tais caminhos podem gerar novos saberes e modos de relação com o mundo na Educação Infantil.

Partindo do interesse em compreender como a percepção ambiental orienta aprendizagens, Ana Carolina Mendes Peres e Laís Samira Correia Nunes discutem no artigo "**A dimensão socioambiental no Ensino de Ecologia: a percepção do meio ambiente como ferramenta de práticas educativas**" o papel dessa dimensão como via para inserir alunos em realidades locais. As autoras argumentam que o Ensino de Ecologia deve favorecer decisões críticas diante de problemas socioambientais,

considerando a complexidade dos ecossistemas. A percepção do meio ambiente é entendida como construção subjetiva da realidade, revelando modos de relação com a natureza. Com base nesse diagnóstico, defendem que práticas educativas devem estimular análises críticas e novos modos de pensar e agir sobre o entorno socioambiental.

No texto "**O mar é um caminho: Diálogos entre Educação Física e Educação Ambiental**", Cláudia Foganholi, Graciella Faico e Rodrigo Fernández analisam a experiência de três edições da disciplina optativa que articula esses dois campos no curso de Educação Física da Universidade Federal Fluminense. O ensaio examina como as vivências das/os estudantes, entre 2023 e 2024, possibilitaram deslocamentos epistemáticos e ampliaram percepções sobre relações entre corpo, ambiente e vida planetária. Os autores destacam que a confluência de diferentes saberes, em uma abordagem sistêmica e sensível, favorece formas mais respeitosas de estar no mundo com humanos e não humanos. Ao final, defendem que práticas formativas que integrem motricidades e epistemologias diversas contribuem para enfrentar os desafios ecológicos contemporâneos.

Já no artigo "**A Estética do Engano: Elementos Ideológicos da Educação Ambiental Hegemônica**", Dyego Anderson Silva Pereira e Orlando Ednei Ferretti analisam como a crise ecológica foi capturada por uma lógica burguesa que estetiza a Educação Ambiental, esvaziando seus sentidos éticos e políticos. Os autores argumentam que a ênfase em práticas como a reciclagem desloca o debate do consumo para o descarte, produzindo uma sensibilização superficial que anestesia o movimento ecológico. Segundo eles, a EA hegemonic molda crianças como modelos de "ser humano ideal", convertendo-as em agentes pedagógicos da sociedade. Para romper essa lógica, os autores defendem uma Outra Educação Ambiental, que reconheça a estética ambiental em sua potência própria e incorpore as perspectivas infantis, abrindo caminho para práticas contra-hegemônicas e verdadeiramente transformadoras.

No texto "**Epistemologias decoloniais e a sociopoética como possibilidade metodológica na Educação Ambiental: diálogos em problemas territoriais**", Maria Emilia Pereira Limeira Martins e Daniel Fonseca de Andrade analisam como a crise da ciência ocidental abre espaço para metodologias comprometidas com povos historicamente colonizados. O artigo articula teorias decoloniais à sociopoética, compreendida como prática científica crítica, participativa e tensionadora das

hierarquias coloniais do saber. A partir de uma experiência de Educação Ambiental com crianças em uma escola municipal do Rio de Janeiro, os autores mostram como a sociopoética possibilita refletir sobre vivências territoriais e produzir conhecimentos situados. O estudo evidencia a coerência entre epistemologias decoloniais e práticas sociopoéticas, indicando seu potencial para transformar processos educativos e ampliar vozes silenciadas.

No que se refere ao artigo “**Educação Ambiental Decolonial como Reflorestamento Epistêmico**”, as autoras Ana Kerolaine Pinho Burlamaqui, Maria Izabel Barbosa de Sousa e Kelly Almeida de Oliveira defendem a educação ambiental decolonial como resposta ao colapso produzido pela racionalidade colonial. As pesquisadoras articulam cosmopercepções afro-indígenas e o movimento de reflorestamento epistêmico para enfrentar o antropoceno e a desertificação curricular. A pesquisa, qualitativa e situada, baseia-se na fenomenologia existencialista decolonial em diálogo com pensadoras(es) negras(os) e indígenas. Os resultados mostram que práticas enraizadas nos corpos-territórios nutrem ecopedagogias insurgentes, capazes de reencantar o mundo e sustentar futuros possíveis.

Em “**Terra e infâncias: conectando crianças à natureza na Educação Infantil**”, Débora Ferreira Martins, Lilian de Souza Vismara e Noemi Sutil investigam como experiências com a natureza fortalecem vínculos entre cultura infantil e diferentes dimensões do conhecimento. O estudo observa ações e expressões que emergem quando crianças exploram hipóteses sobre si, os outros e o mundo por meio do brincar investigativo. As autoras mostram que o contato com elementos naturais potencializa criatividade, imaginação e curiosidade, articulando aspectos sociais, culturais e científicos. A pesquisa evidencia, assim, a potência da Educação Ambiental para ampliar modos de conhecer e viver na infância.

No artigo “**La Educación Ambiental en tiempos de crisis debe ser incómoda y amorosa**”, Solana González e Renata Lobato Schlee defendem que a Educação Ambiental, em meio às crises socioambientais, precisa assumir simultaneamente o desconforto e o afeto como potências formativas. Compreendida como prática política, a EA é apresentada como filosofia educativa capaz de politizar espaços formais e não formais a partir de disputas ambientais. As autoras sustentam uma abordagem ancorada na micropolítica dos afetos, na justiça socioambiental e em compromissos anticapitalistas, antirracistas e antifascistas, valorizando a pluralidade das experiências.

Em “**Paisagens para ver, ouvir e sentir**”, Andréa Haddad Barbosa examina como estudantes de pedagogia compreendem o conceito de paisagem a partir de uma experiência de observação multissensorial. A autora analisa a atividade realizada em 2025 com quarenta e nove participantes, mostrando que a leitura da paisagem envolve subjetividade e atenção sensível. A vivência também levou os estudantes a refletirem sobre modos de vida acelerados que os afastam do sentir e da observação cuidadosa, indicando a relevância de propostas formativas que ampliem percepções e vínculos com os espaços de convivência.

O ensaio “**Educação Ambiental sentipensante: uma epistemologia do sentir e do coexistir para a superação do antropocentrismo**”, de Stéphani Caroline Pedrotti, Paola Cazzanelli e Luiz Alberto Lorenzi Filho, propõe uma abordagem que integra dimensões sensoriais, afetivas e materiais no aprendizado ambiental. Os autores defendem práticas sentipensantes capazes de deslocar a centralidade humana e favorecer relações mais éticas e empáticas com o mundo. A partir dessa perspectiva, argumentam que superar o antropocentrismo demanda cultivar sensibilidade, movimento e coexistência. O texto sustenta que uma Educação Ambiental orientada ao “SER” amplia a potência transformadora e cidadã dos sujeitos.

Partindo da proposta do saber-sentir como fundamento ético e espiritual, o artigo “**Saber-Sentir em Educação Ambiental: Conexões Espirituais e Éticas Ecofeministas na América Latina**”, de Sueli do Nascimento e Tânia Regina Zimmermann, discute como perspectivas ecofeministas latino-americanas fortalecem práticas educativas decoloniais. As autoras, por meio de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, articulam escuta, diálogo e alteridade inspirados na escutatória-dialogal. O estudo evidencia que o saber-sentir afirma a resistência de modos de vida femininos e ecoterritoriais diante da coisificação da vida, destacando cuidado, ancestralidade e justiça socioambiental como princípios de (re)existência.

No artigo “**Educação ambiental para além do antropocentrismo: discursos e aprendizagens na literatura de Laura McKay**”, Gilberto Alves Araujo, Lívia Aparecida de Almeida e Sousa e Elton Jhon Nascimento dos Santos analisam como *The animals in that country* (2020) tensiona sensibilidades antropocêntricas ao dar centralidade a vozes animais fragmentadas. A pesquisa, fundamentada em perspectivas pós-humanistas e em procedimentos de *close reading* aliados à análise qualitativa, investiga como essas escolhas estéticas revelam dispositivos de exploração econômica e

epistêmica. Os autores mostram que o romance constrói uma pedagogia da escuta que desestabiliza o privilégio humano e convoca reflexões éticas sobre luto, trauma e resistência animal.

Assim, com esse breve panorama dos artigos que compõem essa edição, queremos convidar nossas leitoras e leitores para leitura dos textos apresentados. Reforçamos nosso compromisso com uma Educação Ambiental compreendida como uma forma de repreender a sentir o mundo, se constituindo como uma travessia que desamarra o humano do centro, escuta territórios e ancestrais, e tece, no encontro entre corpos, afetos e paisagens, novas formas de existir com a Terra.

Desejamos a você uma boa leitura! Que cada página seja convite para desaprender certezas, sentir o mundo com mais delicadeza e imaginar outras maneiras de coexistir, de forma mais lenta, justa e plural.

Referências

STEIL, Carlos Alberto, CARVALHO, Isabel Cristina M. Epistemologias ecológicas. **Mana**, v. 20, n.1, p. 163-183, 2014.